

MERCADO

Bolsa brasileira pode continuar escalada em 2026

Queda do dólar, diminuição de juros e novo presidente podem estimular mercado nacional de ações

Marcus Meneghetti
marcusv@jcrs.com.br

Os analistas que participaram do painel sobre "Ações no Brasil, Riscos e Oportunidades", realizado na semana passada dentro da programação do Fórum Econômico, avaliaram que o aumento da Ibovespa B3 pode continuar no próximo ano.

A bolsa brasileira – que valorizou mais de 30% em 2025 – pode subir ainda mais com o alinhamento de fatores globais e nacionais. Por exemplo, a queda

do dólar, a entrada de investimento estrangeiro, a expectativa de diminuição dos juros no Brasil e a vitória de um presidente favorável a um ajuste fiscal nas eleições de 2026.

O CIO da Dahlia Capital, José Rocha; o fundador da Encore Asset, João Braga; e o diretor da Vokin Investimentos, Frederico Vontobel, compartilharam suas análises sobre a bolsa brasileira em um auditório no Instituto Caldeira cheio de investidores, empresários e executivos.

No início do painel conduzido pelo especialista em alocação da Apex, Rodrigo Villa Real, os analistas apontaram as características mais marcantes da bolsa no Brasil: a oscilação acentuada entre períodos longos de pessimismo e

períodos curtos de otimismo exacerbado.

"No Brasil, é comum ter até cinco anos de pessimismo. Todo mundo fica cortando os pulsos por muito tempo. E, de vez em quando, os fatores se alinham no mundo e o investidor tem um ou dois anos para dar um baita tiro para cima", resumiu José Rocha.

Segundo o CIO da Dahlia Capital, a bolsa brasileira costuma subir mais de 100% sempre que três fatores se alinham: dólar em queda no cenário internacional, "valuation desfuncional" das empresas listadas na Ibovespa e mudanças favoráveis na política nacional. Como exemplos desse cenário, o analista citou os anos de 2002, 2008 e 2016 – quando a bolsa brasileira subiu algo entre

100% e 130%

O curioso é que, em breve, essas variáveis podem se alinhar mais uma vez. Afinal, o dólar tem caído desde a posse do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O US Dollar Index (DXY), que mede o preço do dólar em relação às principais moedas do mundo, chegou a cair mais de 12% desde que Trump assumiu a Casa Branca em janeiro de 2025.

Além disso, as empresas listadas na bolsa de valores nacional passaram por uma "valuation desfuncional" em 2025. O índice Ibovespa – que mede o desempenho das principais ações comercializadas na bolsa brasileira – chegou a registrar um crescimento acumulado de 38,74% do início do ano até 4 de dezembro.

No mesmo período, alguns índices de setores específicos tiveram desempenho ainda melhor. Por exemplo, o Índice Bovespa Imobiliário (IMOB), que acompanha o desempenho de empresas relacionadas à construção e venda de imóveis, chegou a alcançar uma alta acumulada de 97,3% no início de dezembro.

Além da queda do dólar e da valorização das empresas nacionais, o Brasil pode ter uma mudança política favorável ao mercado em 2026. De um lado, há a expectativa de queda da Taxa Selic, após ela atingir o patamar histórico de 15% em 2024. De outro, há a possibilidade de um presidente favorável às demandas do mercado financeiro ser eleito nas eleições de 2026.

Investimento estrangeiro impulsiona alta das ações brasileiras

Ao falar no Fórum Econômico sobre os riscos e oportunidades no mercado de ações no Brasil, o líder da Encore Asset, João Braga, avaliou que o cenário internacional tende a atrair mais investidores estrangeiros para as empresas brasileiras. Segundo Braga, 80% do investimento na Ibovespa B3 veio de outros países em 2025.

Após vários índices atingirem recordes nas bolsas dos Estados Unidos – país responsável por quase metade do mercado global – muitos investidores estariam buscando outros investimentos rentáveis no resto do mundo.

"Aí vem a teoria da piscina olímpica. Se você tirar cinco baldes de água da piscina, você vai ver que ela continua igual. A piscina olímpica é o mercado americano. Se você joga esses cinco baldes de água em uma banheira, voa água para todo o lado. A banheira é a bolsa brasileira. Por isso, está subindo rapidamente," comentou João Braga.

O diretor da Vokin Investimentos, Frederico Vontobel, participava do mesmo painel. Ele não só concordou com a analogia da piscina olímpica, como também citou alguns dados sobre a diferença de tamanho do mercado dos EUA e o do Brasil.

"O saldo líquido de

investimento estrangeiro na bolsa brasileira é de R\$ 28 bilhões em 2025. Isso é 1/1000 do que valorizou a SP500 neste ano (índice que engloba o desempenho das 500 maiores empresas na bolsa estadunidense). Além disso, todas as empresas da bolsa brasileira não valem US\$ 1 trilhão, enquanto a Nvidia vale R\$ 5 trilhões. O Elon Musk atingiu uma fortuna que pode comprar todas as empresas da bolsa brasileira", comparou Vontobel.

O diretor da Vokin avaliou que o longo período de juros altos no Brasil prejudicou o investimento nacional em empresas brasileiras, porque, com a Taxa Selic no patamar de 15%, muitos investidores importantes migram para renda fixa. É o caso dos fundos de pensão, por exemplo.

"A Selic a 15% está matando o investimento nas empresas e na geração de emprego. E os juros estão altos desse jeito, porque o governo gasta demais. Isso aumenta a taxa de juros, encarece o crédito para as empresas. Então, o problema é o fiscal (do governo federal) e o crescimento da dívida pública", criticou Vontobel – acrescentando que uma mudança no Palácio do Planalto após as eleições presidenciais de 2026 poderia beneficiar a bolsa.

Principais oportunidades no mercado de ações em 2026

Os três painelistas que participaram da conversa sobre o mercado de ações no Brasil, uma das atividades do Fórum Econômico, realizado na semana passada no Instituto Caldeira, revelaram as oportunidades que enxergam na Bolsa de Valores em 2026.

Frederico Vontobel, diretor e fundador da Volkin Investimentos

O diretor da Volkin Investimentos, Frederico Vontobel, acredita que as ações de muitas empresas brasileiras estão baratas devido ao longo período de juros altos no País. "O investidor tem que pensar no longo prazo. Não está comprando um gráfico, mas parte de uma empresa", ponderou. Ele complementou que trabalha com um portfólio composto por ações de 21 empresas. Com a disputa eleitoral para presidente no horizonte de 2026, ele trabalha com algumas posições mais seguras e outras mais ousadas – na tentativa de preparar seu portfólio tanto para a eleição de um presidente mais favorável às demandas do mercado quanto o de outro não tão aberto a isso.

Entre as empresas que Vontobel destacou, estavam a Gerdau e a Suzano. "Temos empresas que estão sofrendo por conta do dólar. Apesar disso, têm uma vantagem competitiva a nível mundial. É o caso da Suzano, que é a maior empresa de celulose do mundo. Além disso, o consumo de guardanapos, lenços e papel higiênico está crescendo no mundo, especialmente na Ásia", analisou.



José Rocha,
CIO da Dahlia Capital

A liderança da Dahlia Capital, José Rocha, revelou que sua equipe se concentra em três setores no Brasil: infraestrutura e saneamento, instituições bancárias e a construção civil envolvida no programa do governo

federal Minha Casa Minha Vida.

Quanto ao setor bancário, Rocha parte do pressuposto de que "nunca tem tempo feio para os bancos no Brasil." Ele mencionou o bom desempenho do Itaú: "enquanto o CDI for 15%, os bancos têm uma vantagem competitiva em relação às empresas. Quem se beneficia dos juros altos são os grandes bancos. O Itaú está pagando (um retorno de) 10% de dividendos ao ano." "Na Dahlia, também gostamos do setor do Minha Casa, Minha Vida, porque melhora a vida das pessoas. De um modo geral, é um programa que funciona bem. As empresas envolvidas nesse setor estão operando incrivelmente bem. Elas geram caixa, pagam dividendos e têm baixa probabilidade de revisão do lucro para baixo", concluiu.



João Braga,
sócio fundador e analista da Encore Asset

O líder da Encore Asset, João Braga, acredita que a bolsa brasileira "tem muito espaço para crescer em 2026." Uma das coisas em que ele presta atenção na hora de investir é a competição. Conforme Braga, uma das características do mercado brasileiro é que ele tende a formar oligopólios, porque as grandes empresas são mais protegidas pelo poder público. "Na China, quando uma empresa aparece, ela sofre competição de todos os lados. No Brasil, quanto mais uma empresa cresce, mais protegida ela é, mais isenção tributária ela recebe", comparou. Nesse cenário, ele citou a rede de academias Smart Fit como uma das oportunidades para o ano que vem. "A Smart Fit tem 2.000 academias no Brasil. Ela domina o mercado na Colômbia, no Peru. Quando entrou no Chile, as duas maiores chilenas do ramo quebraram. É um poder de execução."

